

DIARIO DE LISBOA Lisboa	10. JUL 1980
DIARIO DO MINHO Braga	
O JORNAL da EDUCAÇÃO Lisboa	
JORNAL DA MAIA Vila da Maia	

00049/80

Investigação científica
UNN-FWNA

A VINHA NO ALENTEJO

Universidade à cata das castas

3

A cultura da vinha no Alentejo remonta à dominação romana, provavelmente dos tempos da introdução na Lusitânia, mas é principalmente desde a origem da nacionalidade e junto a Évora que a sua cultura foi grandemente incentivada. A tradição vinícola desta região do País ficou fortemente marcada, ao longo dos séculos, com as vinhas da zona de Peramanca — reconhecida pela sua qualidade pelo rei D. João III — que tanto nome deram aos vinhos de Évora, os mais tradicionais devido à sua comercialização nos séculos quinze e dezasseis e, posteriormente, nos finais do século passado.

Nesta altura existiam vinhas distribuídas à volta da cidade de Évora, numa distância de dois a cinco quilómetros, e prolongavam-se pela zona de Peramanca em cerca de dez quilómetros até à Ribeira de Rio de Moinhos, situada próximo do convento de Bom Jesus de Valverde. As localidades de Valbom, Alpedriche, Valcovo, Espinheiro, Manizola, Torregela, Castres, Além Xarrama, Degebe, Vale de Moura, Cruz da Picada e Louredo, eram alguns dos sítios abrangidos pelo raio vinícola da região da capital do Alto Alentejo.

Consta em alguns documentos antigos que a vinha teve na região de Évora, entre os séculos XV e XVI, uma forte influência socioeconómica, «talvez devido à boa qualidade dos seus frutos» — como rezam vários documentos antigos.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Porém, nos finais do século passado, os vinhos da região de Évora viram a sua categoria reconhecida com a obtenção de vários prémios internacionais. Entre 1876 e 1900 os vinhos produzidos na região de Peramanca alcançaram vários galardões de distinção em certames a nível mundial, desde a América (Filadélfia) até à rica região vinícola de Bordéus, em França.

Nessa altura, mais propriamente em 1899, os vinhos mais comercializáveis oriundos de Peramanca eram o branco e o tinto, produzidos por José Soares, e tinham na Suécia, Dinamarca e Rússia os seus principais mercados. Entretanto, devido à evolução sofrida este século, a maior parte da área da vinha junto à cidade de Évora foi sendo consorciada com o oliveiro e o trigo, predominando actualmente estas duas culturas.

Nos dias de hoje, e naquele distrito, os vinhos maduros de Redondo e Reguengos de Monsaraz são dos mais procurados, dentro do seu género, no mercado interno e no estrangeiro. Com o objectivo de estudar em pormenor cada casta desta região do País, a Universidade de Évora, através do seu departamento de fitotécnica, está a proceder, desde já a um projecto de investigação vinícola do Alentejo.

60 CASTAS DIFERENTES

Este projecto, chefiado pelos

engenheiros João Araújo e Colação do Rosário, tem como objectivo o estudo físico do ambiente, a pesquisa das castas cultivadas e a recolha de material da vinha que se cultiva. O projecto da vitivinicultura do Alentejo, empreendido pela Universidade de Évora, abrange os concelhos de Évora, Reguengos de Monsaraz, Vidigueira, Redondo, Borba, Granja, Cabeção e algumas zonas do distrito de Portalegre.

Segundo disse à ANOP João Araújo, após três anos de estudo os projectistas chegaram à conclusão que as castas que predominam no Alentejo são, nas tintas, o moreto, periquita e trincadeira, e, nas brancas, o roupeiro cachudo, manteúdo, tamariz e Fernão Pires.

Estas conclusões, ainda segundo aquele professor da Universidade de Évora, saíram de estudos efectuados no campo de experiências da Herdade dos Esporões, em Reguengos de Monsaraz, onde existe uma vinha com cerca de 200 hectares e das experiências laboratoriais de análise e vinificação efectuadas na Herdade da Mitra, da Universidade de Évora.

A equipa do projecto, que neste momento estuda cerca de sessenta castas diferentes, tem como objectivo principal «defender a qualidade das castas existentes na região abrangidas pelo seu estudo».

DA DECADÊNCIA À RECONSTRUÇÃO

Após recordar a importância da região vinícola de Pera-

manca, situada nos arredores de Évora, João Araújo referiu que «não é impossível renová-la e torná-la tão importante vinicamente como o foi nos finais do século passado».

Depois de referir que a região decaiu e neste momento está em reconstrução, o responsável pelo projecto da Universidade de Évora disse à ANOP que essa decadência foi devida, especialmente, às pragas de filoxera que assolaram a zona e ao incremento da cultura do trigo, que levou os agricultores a descurar a vinha. Presentemente, na região, onde predominam as pequenas vinhas, os campos das herdades de Pionheiros, Serra-leira e Espinheiro e do Monte das Flores, esta última das vinhas mais antigas da zona, são os mais importantes da cultura vinícola.

Referindo-se à produção vinícola do ano de 1979, no Alentejo, uma das maiores dos últimos tempos e cujos dados estatísticos por enquanto se desconhecem, João Araújo disse que «ela é bastante elevada, embora a sua qualidade tenha baixado substancialmente». Para essa produção contribuíram as Ade-gas Cooperativas de Redondo, Reguengos de Monsaraz, Vidigueira, Granja e Borba, as quais trabalham no projecto de pesquisas directamente com a equipa do Projecto Vinícola da Universidade de Évora.

ANTÓNIO SILVA
(ANOP)